



# **Educomunicação e agroecologia no pampa gaúcho**



Merli Leal Silva

## 1. INTRODUÇÃO

Este capítulo tem por objetivo descrever como os meios de comunicação educam a comunidade para o consumo e produção de produtos orgânicos nas feiras livres de São Borja. A investigação da autora buscou descobrir como as tecnologias educativas geraram mudanças comportamentais na produção e no consumo de produtos sem agrotóxicos, e entender a forma de pensar o sistema educativo, no contexto de uma apropriação adequada dos meios disponíveis para a realidade onde o projeto de extensão foi implantado. A perspectiva proposta entende que educação e comunicação são campos em convergência, a partir das mediações que são geradas entre emissor e receptor no processo educativo. O referencial teórico abrangerá pensadores como: Freire (1981), Caldart (2012) e Peruzzo (1999). Será realizada uma análise dos materiais produzidos e dos resultados alcançados com uso da comunicação. O método foi uma investigação-ação de matriz emancipatória, na perspectiva do uso de suportes educativos de forma criativa e crítica.

Este projeto de educação com agricultores familiares do campo nasce a partir do diálogo com a comunidade, buscando ouvir e planejar ações coletivamente. A intenção da autora é provocar rupturas no modo de produção tradicional, e, sob o “véu” do econômico, inserir naturalmente temas mais complexos, como participação política, comunicação popular, agroecologia, dinheiro, vida, futuro, entre outros.

A ação educativa foi construída com os movimentos sociais (associação dos feirantes e Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST)), que são agentes de mudança social. A reforma agrária, tão necessária, ainda está distante da meta do governo, de um milhão<sup>1</sup> de hectares, para assentar famílias agricultoras. Produzir alimentos é vital no planeta Terra, mas fazê-lo de forma sustentável, sem agredir a natureza, como um todo, é fundamental para as próximas gerações. A agroecologia é mais do que uma ciência, ela é uma ideologia política. Pensar agroecologicamente é agir em prol da preservação da natureza, para que se possa viver mais e melhor dentro do equilíbrio natural da vida. É uma

1 Dados do Incra mostram que 45 mil famílias foram assentadas nos dois primeiros anos do governo Dilma Rousseff. Os números são inferiores aos registrados nos dois primeiros anos de mandato do ex-presidente Luiz Inácio Lula da Silva (117,5 mil famílias) e criticados por movimentos ligados à terra (LOURENÇO, 2013).

ideologia de solidariedade, de respeito ao outro e ao planeta, de olhar fixamente para o futuro. É possível viver da terra, ter qualidade de vida e não sair do campo, basta não ceder ao capital e à sua lógica nefasta de produção, que esgota a terra e abusa da química e dos insumos cancerígenos. Assim, há como construir resistência ao pensamento hegemônico da produção a qualquer preço: educar e construir com o povo do campo um novo paradigma de produção e reprodução da existência. Cabe citar Freire para explicitar a questão:

Pensamos que a finalidade da ação educativa deva ser sempre a produção de novos conhecimentos. Por isso, parece-nos mais importante cultivar um espírito e um método de experimentação do que comunicar verticalmente conhecimentos empacotados. Para isso, buscamos itinerários de pesquisa que partam da experiência e da percepção do grupo e que tenham como objeto de estudo e de ação a realidade vivida pelo grupo. (FREIRE, 1981, p. 13)

O território de experimentação deste estudo é a cidade de São Borja, fronteira com a Argentina. Dista cerca de 600 km da capital e carece de ligação mais ágil com cidades maiores. É nesse contexto que o trabalho com mulheres da agricultura familiar desenvolve-se. A busca da autora por regularidades nas formas de viver, educar e produzir das mulheres do assentamento e de pequenas propriedades do campo conduziu a um caleidoscópio de imagens de luta diária por um ideal ora coletivo, ora individual.

Qual o impacto que um projeto de extensão em agroecologia e comunicação popular traz à vida das pessoas que dele participam? Um passo fundamental para essa construção é a possibilidade dos atores sociais despirem-se das formalidades de quem é o “dono” do conhecimento.

Mészáros (2002) explicitou que apenas e tão somente a mais ampla e ousada concepção de educação pode ajudar a perseguir o objetivo de uma mudança verdadeiramente radical, proporcionando instrumentos de pressão que rompam a lógica mistificadora do capital. O espaço educativo é também espaço de resistência, contribuindo para a libertação dos oprimidos. O autor cita Gramsci, na urgência em dizer que é preciso desacomodar o que está acomodado.

Não há nenhuma atividade humana da qual se possa excluir qualquer intervenção intelectual – o **homo faber** não pode ser separado do **homo**

**sapiens.** Além disso, fora do trabalho todo homem desenvolve alguma atividade intelectual; ele é, em outras palavras, um filósofo, um artista, um homem com sensibilidade; ele partilha uma concepção do mundo, tem uma linha consciente de conduta moral, e, portanto, contribui para manter ou mudar a concepção de mundo, isto é, para estimular novas formas de pensamento. (GRAMSCI, 1957 **apud** MÉSZÁROS, 2002, p. 49)

A máxima freireana da relatividade dos saberes pode ser traduzida como pressuposto de que todo ser humano pode contribuir para a formação de um mundo transformador ou conservador. Todos ensinam e todos aprendem, uma vez que, como seres inacabados, se está em constante construção e mudança. Em outras palavras, os seres humanos estão o tempo todo lutando por manter ou mudar o **status quo**. São pelo menos duas grandes forças que movem o mundo e as relações sociais. Contudo, os ritmos de cada momento histórico, suas demandas e injunções vão definir a manutenção da ordem estabelecida ou uma mudança radical de rumo.

## 2. EDUCOMUNICAÇÃO POPULAR COMO OPÇÃO FORMATIVA

Realizar um trabalho de intervenção social com base freireana pressupõe, acima de tudo, diálogo. Para corroborar, tem-se como um dos fundamentos mais importantes da educomunicação o fato do conhecimento não ser entendido como algo a ser transmitido, mas construído com a participação de todos. Conversar com a comunidade local sobre segurança alimentar, formas alternativas de produção de alimentos e agregação de valor aos produtos para aumento das vendas foi fundamental. Afinal, uma cidade com 60 mil habitantes e sem nenhum produtor local produzindo sem uso de insumo químico precisa, antes de tudo, de informação sobre o tema. Entretanto, é importante refletir sobre os efeitos que as informações processadas por vários meios e emissores com interesses antagônicos causam. De qual comunicação educativa se está falando? A educomunicação preconiza que se deve praticar a cidadania produzindo o próprio conteúdo comunicativo, por meio da capacitação para uso dos recursos tecnológicos e digitais na divulgação de pautas de interesse da classe popular. Nesse sentido, o projeto põe em relevo o uso da comunicação para divulgar as práticas de produção orgânica e gerar renda aos pequenos produtores da cidade. Mais que informar, as peças de comunicação buscam dar visibilidade aos

aspectos de identidade e cultura do campo, corporificadas em legumes, frutas, verduras e produtos coloniais. Ao construir ações de comunicação para educar a comunidade sobre o papel da agroecologia na produção, os agricultores exerceram o direito de mostrar suas práticas sustentáveis e agregaram valor aos produtos. Na interação com o sistema educativo do curso de comunicação, agricultores, docentes e discentes construíram saberes coletivamente. A troca de visões de mundo, o debate sobre as práticas, as rodas de conversa sobre a vida e a forma de produzi-la são parte de uma dinâmica educacional para a ampliação das possibilidades de mostrar o papel do trabalhador do campo para a alimentação da cidade.

Para Wanderley (2009), ser trabalhador do campo tem uma clara dimensão política, pois busca compreender o produtor familiar como um ator social partícipe pleno do progresso, da sociedade e das transformações da agricultura e do meio rural. Os agricultores familiares, para a autora, são protagonistas dos processos sociais que vivenciam e do lugar que ocupam na sociedade, inseridos plenamente no contexto sócio-histórico que os circunda. Esses agricultores resistem e inovam, buscando a autonomia do trabalho em família e na terra, enfrentando os percalços das parcas políticas públicas e do agronegócio. Ressignifica-se assim a ideia de campo e cidade como antagonistas, coexistindo como complementares e integrados por interesses comuns e diferenças de projetos.

Nesse sentido, a educomunicação buscou educar para a mídia, debatendo com os agricultores e comunidade a imagem de agricultura familiar e orgânica presente na mídia hegemônica. A resposta veio em forma de consciência crítica, desvelando temas e buscando visibilizá-los. A partir daí, surge a necessidade de dizer a sua palavra (FREIRE, 1981), produzindo seu conteúdo comunicativo e usando meios alternativos de veiculação para ofertar produtos sem agrotóxicos no mercado. Dessa forma, é pertinente pensar que há menos fome no Brasil, em função de políticas sociais. Surge, agora, a necessidade de qualificar a alimentação, os processos de produção e a vida dos agricultores. A agroecologia parece à autora integrada com qualidade e pertinência no atual momento da produção de alimentos. Tornou-se uma opção política, ética, social, ambiental e cultural.

O papel da educomunicação, nesse contexto, é tornar visível um projeto produtivo alternativo, viável e saudável para todos os participantes da cadeia produtiva. A educação agora é ação, transformação, comunicação. No coletivo, na cooperação e na consciência crítica, opções de desenvolvimento surgem como água brotando da terra fértil e vermelha. A comunicação popular, assim, configura-se espaço de expressão democrática da sociedade. Os meios hegemônicos não transmitem as informações da base social, mas de uma classe que detém o poder. A expressão democrática nos meios de comunicação busca visibilizar outras visões de mundo e abrir novos canais para pessoas sem representação nos espaços midiáticos. Nessa perspectiva, o povo torna-se protagonista de sua própria história, analisando, criticando e propondo outros formatos de comunicação. A Rádio Favela<sup>2</sup> e o Jornal Boca de Rua<sup>3</sup> são iniciativas nas quais o povo é o protagonista mesmo! São veículos transformados em instrumento de empoderamento das classes subalternas.

Segundo Peruzzo (1999), a comunicação popular traz em si as contradições, os conflitos e as lutas da sociedade latino-americana. Os movimentos sociais são criminalizados como invasores, sem nenhuma educação política sobre o movimento de reforma agrária. As políticas afirmativas, como as cotas nas universidades federais, por exemplo, são relegadas e confundidas com políticas preconceituosas, por falta de informação contextualizada, o que beira o cinismo e a falta de consciência histórica. A mídia pode contribuir, e muito, para o desvelamento desses processos, mas se abster disso tem sido uma prática recorrente. Contudo, há espaços de enfrentamento e questionamento, formando uma frente de resistência. Peruzzo (1999) define comunicação popular na perspectiva da igualdade entre emissor e receptor, permitindo um processo dialógico e participativo em relação aos conteúdos comunicativos. Para haver participação do povo na comunicação, é necessário, antes de tudo, um trabalho educativo de conscientização em relação a processos e conteúdos produzidos e recebidos.

.....  
2 Associação Cultural de Comunicação Comunitária Favela FM é uma entidade de caráter comunitário, sem fins lucrativos, que se estruturou a partir de iniciativa autônoma de moradores da vila Nossa Senhora de Fátima, localizada no Aglomerado da Serra, na cidade de Belo Horizonte, Minas Gerais.

3 O jornal Boca de Rua é uma publicação impressa trimestral produzida e vendida por pessoas em situação de rua da cidade de Porto Alegre, Rio Grande do Sul. É um dos projetos da organização não governamental Alice – Agência Livre para Informação, Cidadania e Educação.

### 3. ESTRATÉGIAS DE EDUCOMUNICAÇÃO COMO ALTERNATIVA NÃO HEGEMÔNICA

Produzir conteúdo informativo e reflexivo, capacitar os agricultores a criar um canal de comunicação com seus consumidores de forma direta e popular e desenvolver liberdade de expressão cidadã foram alguns objetivos alcançados pelo uso das ferramentas de educomunicação no projeto de extensão. Levou-se a agroecologia para as escolas em forma de palestras interativas, criaram-se peças digitais de comunicação para divulgar princípios da produção orgânica, utilizou-se assessoria de comunicação para noticiar na mídia local a sua importância e foram trabalhadas coletivamente peças que traduzissem a cultura e a identidade da agricultura familiar orgânica. Mesmo sem certificação – afinal, os produtos com veneno não precisam de nada, os sem veneno precisam “pagar” certificação –, as vendas dos orgânicos nas feiras da cidade aumentaram em torno de 50%, conforme dados levantados com os produtores. O aumento de mais um ponto de venda dentro do **campus** também contribuiu para o processo, uma vez que a comunidade acadêmica é educada em rede para o papel da produção orgânica do projeto.

O que se propõe, ao longo da caminhada, é uma valorização dos saberes das pessoas, que são os atores sociais da experiência de viver da terra, de forma sustentável e com dignidade. O quanto a educomunicação popular pode contribuir para o desvelamento crítico das potencialidades dos oprimidos é tema de pesquisas adicionais. Fazer refletir sobre como os meios de comunicação educam para se aceitar passivamente uma determinada visão de mundo é missão confessa da educomunicação. Os educandos passam de “receptores” de informação a emissores de mensagens próprias. As peças de comunicação foram criadas coletivamente e aprovadas da mesma forma, antes da divulgação aos públicos.

### 4. AS FEIRAS LIVRES COMUNICANDO IDEOLOGIA AGROECOLÓGICA

As feiras livres desempenham um papel importante no abastecimento urbano, proporcionando aos povos do campo a venda do que excede em sua produção, gerando renda e sociabilidade com a cidade. É nesse espaço vivido que evoluem e se desenvolvem as relações entre a cidade e o “campo”. A vida

dos produtores do campo perpassa o trabalho pesado de arar, semear, colher, embalar e vender no mercado local. Compreendendo-se que as atividades comerciais afetam toda a dinâmica de uma região, estas refletem as relações de consumo e a forma como os produtores do campo divulgam seus produtos. A influência na política, na economia, nos modos de vida e nas relações entre os sujeitos sociais é atravessada pelos contextos de produção e reprodução de produtos e serviços. Conforme a Figura 1, as feiras são espaços de interação entre consumidores e produtores.



Figura 1 - Assentados do Cambuchim

Tendo como foco as feiras livres, compostas basicamente por produtos agrícolas, mas que, a partir do início do século XXI, apresentam maior diversidade de produtos, foi necessário ser efetivado um debate sobre formas de produção e modos de viver no contexto missioneiro. Assim, se pode compreender a importância dessa atividade para a categoria de trabalhador intitulada “feirante”



e para a própria organicidade dessa cidade e para a relação que ela estabelece com o campo.

Nessa direção, foram identificados os aspectos invisíveis que movem a feira livre, os elementos de sustentação, da sobrevivência dos habitantes de uma pequena cidade, dos suportes de abastecimento e do substrato cultural que molda o modo de vida daqueles que ora dependem dessa atividade. Nesse contexto, questionamentos foram levantados, como: o que marca a feira dentro de uma cidade? Como a sua dinâmica influencia outras localidades, e outras localidades influenciam sua dinâmica? Vínculos de sociabilidade mantêm-se nesses espaços?

O município possui população de 61 mil habitantes (IBGE, 2010), sendo que a maior concentração populacional se dá no espaço urbano. A maior proporção da população vivendo na cidade indica a importância da vida rural no contexto municipal, sendo a principal atividade econômica a agricultura de subsistência e tendo a maior parte de suas terras nas mãos de poucas famílias tradicionais do lugar. Cabe verificar quem são os feirantes e quais os produtos que são comercializados, e apreender as mudanças ocorridas na organização da feira livre, com o surgimento de outros pontos comerciais.

Assim, é possível afirmar que, embora apresente uma essência econômica, a feira preenche também uma função social, enquanto veículo de comunicação e expressão da cultura do povo, por se configurar como lugar de encontro, reencontro e lazer para os que ali vivem e para os que por ali passam.



Figura 2 - Feira Livre do Projeto no Campus

## 5. AGROECOLOGIA E EDUCAÇÃO POPULAR NO CAMPO

A agroecologia não entrou neste projeto por acaso. Ela é uma crença de toda a equipe e serve de suporte para todas as decisões formativas no campo. Segundo Paludo (2001), a educação popular continua viva, atual e necessária. Sua atualidade tem a ver com a crise social que penaliza, principalmente, a classe popular e com a necessidade histórica de um novo projeto de sociedade. O capital, da forma como se instituiu, gera exploração e opressão. A autora defende ainda que o que se busca é a efetivação do direito de uma vida digna, e compreende que o atual direcionamento do projeto de modernidade precisa ser transformado. Nesse sentido, o sistema agroecológico parece o que mais se coaduna com o projeto de sociedade, preconizado pela educação popular.

Algumas características citadas por Caldart (2012), no verbete agroecologia, são bastante definitivas como opção produtiva e ideológica, a saber:

[...] é um conjunto de conhecimentos sistematizados, baseados em técnicas e saberes tradicionais (dos povos originários camponeses) que incorporam princípios ecológicos e valores culturais às práticas agrícolas, que em função do capital e da tecnologia foram negligenciadas como opção na produção limpa de alimentos. (Caldart, 2012, p. 57)

The infographic is divided into several sections. At the top left is the logo for 'Educação Popular Pedagogia Freireana', featuring a stylized four-pointed star in green, blue, and yellow. To the right, the title 'Projeto de Extensão EDUCAÇÃO E COMUNICAÇÃO POPULAR DO CAMPO' is displayed in bold, with the subtitle 'Transição Agroecológica com Agricultores Familiares UNIPAMPA - São Borja - RS'. Below the title, the years '2012 / 2013' are shown, followed by 'Implantação Projeto Piloto em duas propriedades' and 'Coordenação: Profa. Dra Mérli Leal Silva'. A central photograph shows a group of people in white t-shirts standing in a field. To the left of this photo are three smaller images: a person working in a field, two people in a field, and a person in a field. Below the central photo, the 'OBJETIVO' section states: 'Produzir, divulgar e comercializar hortifrutigranjeiros de forma agroecológica com agricultores familiares de São Borja. Fonte de base: Paulo Freire'. The 'AÇÕES DO PROJETO' section lists: '1- Processo de transição agroecológica - produção e aplicação do biofertilizante, troca de saberes sobre insumos de manejo orgânico. 2- Educomunicação popular - ações de formação em círculos de cultura, economia solidária, marketing e comercialização. Criação e produção de material publicitário de apoio às vendas. Criação de marca/selo e organização para certificação. Valorizar a cultura da agricultura familiar, tornando-a visível na cidade. Divulgar e fortalecer as feiras de produtores locais.' The 'LOCAIS DO PROJETO PILOTO' section mentions 'Assentamento CAMBUCHIM - MST e Agropecuária Santa Rita, Família COM'. The 'Tema gerador' is 'agroecologia', and the 'Rede temática' includes 'gênero, vendas, família, produção, orgânicos, filhos, clientes, divulgar, politização e poder, assentamento, MST, agricultura familiar, comunicação para vendas- publicidade e propaganda, discriminação, cultura, identidade, artes do fazer, historia, luta.' At the bottom, the team is listed: 'EQUIPE: Odília Comin, Fernando Comin, João Comin, Lailiane da Rosa, Vera Santos, Luiz Gabriel Stroff, Mérli Leal Silva.' The website 'www.educacaosocialnocampo.blogspot.com.br' is also provided.

Figura 3 - O Projeto com os Feirantes

Cabe citar, mais uma vez, Caldart (2012, p. 61):

[...] muito embora não exista produção 'fora da natureza', o modelo da revolução verde e do agronegócio desenvolve-se com base em tecnologias 'contra a natureza', que bloqueiam ou impedem processos naturais que são a base do manejo agroecológico nos agroecossistemas

– como é o caso do uso de herbicidas, que bloqueiam ou mesmo fazem regredir a sucessão ecológica em determinado ambiente.

No bojo dessa visão produtiva, há uma visão de mundo e de sociedade, considerando o agronegócio como antagonista. A produção coletiva e as ações sociais, derivadas de outro modo de produzir alimentos, permitem aos camponeses uma vida sem exploração e cercada de solidariedade. Sem o sistema de opressão do capital, as relações de produção tornam-se fluidas e baseadas no bem comum. Os camponeses e sua forma de vida, com ciclos evolutivos naturais, com respeito ao meio ambiente e ao outro, com a filosofia e a ética do cuidado são a base do sistema cooperativo de produção agroecológica.



Figura 4 - Sala de Aula na Casa da Agricultora

## 6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Educação e comunicação são duas ciências muito próximas, buscam a felicidade do ser humano através do conhecimento emancipatório que conduz à liberdade. Assim, não há opressores nem oprimidos. Uma educação e uma comunicação realmente voltadas à sociedade transformam o mundo.

Como a educação popular relaciona-se com a comunicação? A educação configura-se em um processo de comunicação e de informação, de troca de informações e de troca entre pessoas. Educar é construir com educandos e educadores a possibilidade de transformação de suas vidas em processos permanentes e intensos de aprendizagem. É buscar valorizar, nos educandos, a sua identidade, seu caminho pessoal e profissional, seu projeto de vida.

Nessa tarefa coletiva, busca-se o desenvolvimento das habilidades de compreensão, emoção e comunicação, que permitam a cada um estar no mundo de forma concreta. Educação é um processo para toda a vida! A educação acontece por meio das múltiplas formas de comunicação, das inúmeras interações com as pessoas com as quais se convive e com as instituições de que se participa. Todos educam e são educados pelos demais. Se está sempre ensinando e aprendendo por meio de múltiplas formas de comunicação. Educar é ajudar a compreender a si mesmo, os outros, o mundo. É um processo de desvendamento e integração de níveis mais complexos da realidade, aprendendo a encontrar significado para o que está solto, disperso, integrando as dimensões externas e internas, passado e presente, o individual e o social. E, também, é um processo de aprender a “desaprender”, a deixar de lado o que não serve mais, o que não ajuda mais a evoluir. Educar, além disso, é ajudar a desenvolver todas as formas de comunicação, todas as linguagens: aprender a dizer-se, a expressar-se claramente, e a captar a comunicação do outro e a interagir com ele.

Urge construir e implantar uma pedagogia crítica dos meios de comunicação para que as pessoas entendam melhor a forma como as mídias funcionam. A sociedade com participação política não se deixa enganar, pois sabe dos seus direitos e busca sua cidadania no embate constante contra forças opressivas. A educação e a comunicação, juntas, desempenham um papel importante para que se faça uma leitura crítica do mundo. Começar perguntando “por quê?” pode interromper um ciclo de alienação de muitos séculos.

O projeto conseguiu integrar vários campos de conhecimento, construindo novas formas de ver a produção do campo e o papel da sustentabilidade nas relações de consumo. Começou-se um processo que logrará sucesso se tiver

continuidade. Pensar os meios criticamente e tê-los como ferramenta educativa eficaz são possibilidades concretas de mudança. É um dos caminhos para visibilizar projetos e conteúdos alternativos para a classe popular.

## 7. REFERÊNCIAS

CALDART, Roseli Salete (Org.). **Dicionário de educação no campo**. Rio de Janeiro: Escola Politécnica de Saúde Joaquim Venâncio, Expressão Popular, 2012.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1981.

IBGE. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **São Borja**: infográficos: dados gerais do município. 2010. Disponível em: <[www.cidades.ibge.gov.br/painel/painel.php?codmun=431800](http://www.cidades.ibge.gov.br/painel/painel.php?codmun=431800)>. Acesso em: 25 abr. 2016.

LOURENÇO, Luana. **Governo vai vistoriar 1 milhão de hectares de terra para reforma agrária**. 2013. Disponível em: <[www.http:memoria.ebc.com.br/agenciabrasil/noticia/2013-05-22/governo-vai-vistoriar-1-milhao-de-hectares-de-terra-para-reforma-agraria](http://www.memoria.ebc.com.br/agenciabrasil/noticia/2013-05-22/governo-vai-vistoriar-1-milhao-de-hectares-de-terra-para-reforma-agraria)>. Acesso em: 25 abr. 2016.

MÉSZÁROS, I. **Para além do capital: rumo a uma teoria da transição**. São Paulo: Bomtempo, 2002.

PALUDO, Conceição. **Educação popular em busca de alternativas: uma leitura desde o campo democrático popular**. Porto Alegre: Tomo Editorial, 2001.

PERUZZO, Cicilia Krohling. **Comunicação nos movimentos populares: a participação na construção da cidadania**. Petrópolis: Vozes, 1999.

WANDERLEY, Maria de Nazareth Baudel. **O mundo rural como um espaço de vida: reflexões sobre a propriedade da terra, agricultura familiar e ruralidade**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2009.

•● A AUTORA ●•

**Merli Leal Silva** é Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. em Educação pela Universidade de São Paulo, Docente Adjunta da Universidade Federal do Pampa, Campus São Borja. Coordenadora do Projeto de Pedagogia Freireana Educação Popular no Campo.